

na praça may ayim

pensando em audre lord e em marielle
Natasha Felix

porque temos medo cerramos as próprias
mãos porque temos medo arrancamos
os molares porque temos medo
martelamos os joelhos porque
temos medo botamos fogo nos nossos
cabelos porque temos medo atiramos os
ossinhos do tornozelo no canal porque
temos medo os dedos quebrados são justos
porque temos medo cortamos línguas
unhas orelhas, o caminho.
tiramos raspas de pele dos cotovelos
testamos a faca na jugular
plantamos uma granada debaixo da cama enfiamos
a arma do crime no queixo
porque temos medo.
cortamos a energia desligamos os resistores
porque temos medo o sol se deita
amanhã e depois porque temos medo
temos ferramentas temos o que cerrar arrancar
martelar temos o que incendiar o que jogar
fora o que cortar porque temos medo
sabemos cuspir enganar trair porque temos medo
porque temos medo
dormimos tranquilas.
porque temos medo
somos também muito elegantes muito obrigada.



ao homem que se levanta comigo



Para I.
Natasha Felix

espero que as unhas cresçam
só depois solicitações, juras,
os números.
enquanto, isso.
qualquer justificativa.
espero que você não.
por favor.
mantenha a respiração acontecendo
beije sua mãe na testa, peça a benção a ela.
não olha a polícia nos olhos
se for preciso, esconda-se bem.



a faca\o amor



Natasha Felix

daqui já é possível ouvir
pouco antes de atravessar o mar de alborão
buscando o marrocos seu cheiro no marrocos
deixar as cinzas em rabat
é o plano.
foda-se.
manter a faca amolada os pés prontos para correr
quando os militares.
daí você lambe a ponta
deixa a lâmina te conhecer..

As Tranças

Natasha Felix

procurando uma explosão impossível.
sua voz, o engano que trancei junto aos meus cabelos
enquanto não olhava o espelho.
o couro cabeludo à mostra.
precisei desenhar na minha cabeça
algo que parecesse a estrada até a sua casa.
a verdade seria um penteado bonito
que eu pudesse exibir na rua para os desconhecidos.
o pente meu cúmplice dizia
não se atreva.
mal senti o sol bater
ardi como jamais.
se até ontem nada me escapava
teve aquela festa
onde dancei feito uma mariposa perdida
a alegria nos quadris não passava de um jogo
que eu acreditava conhecer as cartas.

Marista

Natasha Felix

os alunos do ensino fundamental II raspam meu cabelo
com a maquininha elétrica roubada do pai de um deles
especialmente para mim.

muito brancos e limpos

os alunos do ensino fundamental II raspam meu cabelo
no pátio principal

entre imensos arbustos

eles riem bastante.

os alunos do ensino fundamental II raspam meu cabelo.

não movo um músculo

fico bem quietinha

de mim, nenhum ruído.

me limito a encolher os ombros dentro dos ombros
numa dança.

conto os dedos das mãos

para ter certeza.

o som de vespeiro

faz meus dois olhos ruins permanecerem atentos

pelos próximos 15 minutos e durante os anos que seguissem
adiante.

penso

algo deve acontecer.

espero

darem o trabalho por concluído.

os alunos do ensino fundamental II,
esses excelentíssimos filhos.

Não é uma elegia para Mike Brown

Natasha Felix

Estou cansado de escrever esse poema
mas traga o moleque. o nome dele
o mesmo corpo antigo. comum, preta,
coisa morta. traga ele & nós vamos lamentar
antes de esquecer pelo que estamos lamentando.
& não é sobre isso que se trata ser preto?
não a alegria, mas o sentimento
quando você está olhando
a sua criança, vira a cabeça,
e, poof, não há mais criança.
esse sentimento. isso é preto.

\\

pensa: uma vez, uma mina branca
foi sequestrada & essa é a Guerra de Tróia.
mais tarde, no próximo quarteirão, Troy levou tiro.
e isso foi terça. não somos dignos
de uma cidade de cinzas? de 1000 navios
lançados porque estamos com saudade?
sempre algo merece ser queimado.
nunca é a coisa certa hoje em dia.
eu ordeno uma guerra para trazer o moleque preto de volta
não importa qual o nome dele dessa vez.
eu pelo menos ordeno uma música. uma música já é
suficiente.

\\

olha o que o Deus fez.
acima do Missouri, a fumaça doce.

Feliz como Lázaro

Natasha Felix

se me adoecerem e arrancarem quatro
dos meus melhores dentes.
se me disserem – é o fim da linha:
fico exatamente onde estou.
com os mesmos olhos de mosca varejeira,
ousada como a minha avó.
se me derrubarem e jogarem terra nos meus cabelos
me derem por vencida.
se me disserem – é dia e ele não será seu:
fico aqui exatamente onde estou.
com a mesma fome, herdeira de um deserto
faço questão, passo a minha vez.

Advertência: este texto foi liberado exclusivamente para o projeto Combinando Palavras, sendo assim terminantemente proibida qualquer reprodução!